

Em 1985, novos espaços foram abertos para a música. A voz feminina ecoou mais forte nos palcos e casas noturnas. De Brasília, saíram bandas de rock que se destacaram no panorama nacional. E o som instrumental ganhou os shows mais bem produzidos



MÚSICA



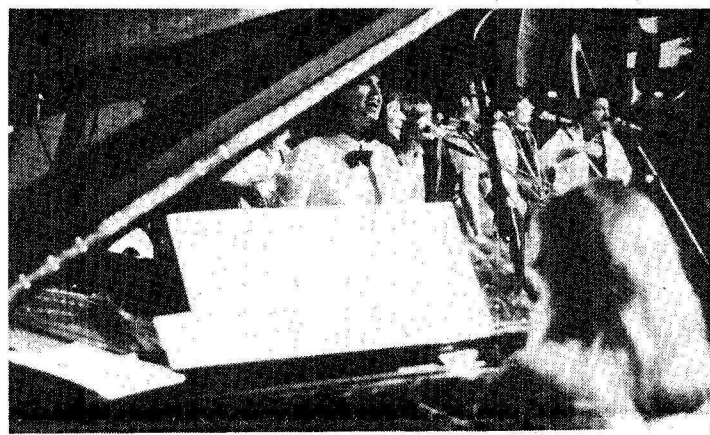
Som brasileiro, presença marcante na temporada 85

IRLAM ROCHA LIMA
Da Editoria de Cultura

A retomada da rampa acústica do Parque da Cidade, com a realização, mensal, do Concerto Cabeças, foi um dos fatos auspiciosos para a música brasileira em 85. E o público prestigiou sempre essa vitoriosa promoção.



O show Gigolôs (o melhor do ano) revelou uma excelente cantora, Cássia Eller — na foto com Marcelo Saback



Propondo uma nova linguagem para o canto-corál, o Invoquei o Vocal foi outra boa novidade em 85

A supremacia das cantoras, a agitação roqueira, a confirmação da qualidade do som instrumental e a abertura, ainda maior, do mercado das casas noturnas para os músicos, surgiram como os aspectos mais destacáveis na música brasileira em 1985.

Fatos, também, a serem realçados foram o surgimento de novos espaços e a conquista (ou reconquista) de outros, para que os nossos artistas pudessem mostrar seus trabalhos, através de projetos, ou em shows isolados.

Não se pode deixar, ainda, de dar ênfase à criação de séries como o Sarau, a retomada da Feira de Música e do Concerto Cabeças, a reabertura do Clube do Choro e a revitalização do Projeto Funarte.

SUPREMACIA DAS CANTORAS

Oitenta e cinco marcou a total predominância das cantoras na cena musical brasileira. De estilos diferenciados, elas brilharam intensamente quer nos palcos de teatro, clubes sociais ou casas noturnas, tendo seu talento reconhecido pelo público.

Este ano, Glória Maria, a legendaria cantora da noite brasileira (está em atividade desde o início da década de 60), realizou seu grande sonho: fazer o primeiro show de teatro. Muita gente aplaudiu o romantismo a Glória em *Raça e Emoção*, levado na Sala Funarte.

Foi na noite, também, que ecoou mais forte a voz de Lúia Matos (*Grog*), em rápidos shows produzidos por Raimundo Marques; de Angela Regina (exclusiva do Degraus) e da eterna bossa-novista Rosa Passos (*Amigos*) e Ana Donizete, um misto de cantora e show-woman, fazendo o *Show de Calouros do Bye Bar Brasil*, um dos programas mais curtiáveis da cidade.

Em festivais, nos bares da vida e em palco de teatro, luziu uma estrela de tez negra e sorriso largo chamada Vanja Santos. Na condição da mais solicitada das nossas intérpretes, Zélia Cristina reinou absoluta, embora não tenha sido, ainda este ano, que ela tenha se decidido por vãos mais altos, tipo gravação de um disco ou mu-

dança para o eixo Rio—São Paulo.

Cássia Eller, uma ex-roqueira que partiu para a carreira solo depois de integrar o grupo Malas e Bagagens, surgiu como a grande revelação da temporada, por sua performance nos shows Dose Dupla, com Janete Dornellas e, principalmente, *Gigolôs* (o melhor do ano), que protagonizou com Marcelo Saback.

São mulheres, também, três das componentes (Hortência, Ana Paula e Maria) do Invoquei o Vocal, grupo responsável por alguns dos melhores momentos da música brasileira em 85, ocupando os mais diversos espaços — do teatro à televisão.

AGITAÇÃO ROQUEIRA

Se teve um ritmo, um gênero musical que predominou sobre os demais, que deu o tom, não só na programação das rádios, mas na dos espetáculos apresentados no DF, no decorrer deste ano, foi o rock. Rara foi a semana em que não se noticiou a realização de um show, de um concerto de uma ou mais bandas.

Bandas, aliás, surgiram aos borbotões por todos os cantos da cidade. Só Néio Lúcio, coordenador e apresentador da *Feira de Música*, catalogou mais de 150, com nomes insólitos tipo: Atentado ao Normal, Data Vénia, Beijo Hortelã, SQS, Ligação Direta, Mela Grama Não Faz a Nossa. Estas se juntaram às já conhecidas ou experientes Plug, Pôr do Sol, Mel da Terra, Liberdade Condicional, Beta Pictoris, Akneton (ex-Gestapo).

Trilhando, também, no caminho aberto pelo rock, mas propondo um som bem mais abrangente, em que predominam os ritmos africanos e caribenhos, o Obina Shock foi unanimemente considerado, em 85, o grupo de contribuição mais importante para a música em Brasília, nessa área.

Houve, porém, os que conseguiram um maior êxito em sua trajetória, chegando à gravação de disco, como é o caso do Capital Inicial, Banda 69 (participaram de *Os Intocáveis*, uma coletânea lançada pela CBS). Ou Escola de Escândalo, Elite Sofisticada, Detrito Federal e Finis Africae, responsáveis por *Rumores*, o primeiro disco de rock, com produção independente, feito na cidade.

INSTRUMENTAL EM ALTA

Na área da música instru-

mental, porém, é que aconteceram os shows mais bem produzidos, proporcionando a ratificação do talento de um grande número de instrumentistas, geralmente ligados ao som jazzístico.

Pontificou, por exemplo, o trabalho contínuo e criativo da Banda Artimanha e da Brasília Popular Orquestra, mostradas em concertos frequentes; ou de músicos como Jaime Ernest Dias, Beth Ernest Dias, Nelson Faria, Saulo Ferreira, Elenece Maranesi, Fernando Fontana, Paulo André, Toni Botelho, Zambinha, Ricardo Vasconcelos, Renato Vasconcelos, Caio Vono, Marcos D'Abreu, Miranda, atuando em formações diversas.

Um caso à parte: a flautista Odete Ernest Dias, uma operária da música, atuando em vários flancos: da interpretação à pesquisa, passando pela gravação de mais um disco, em que, juntamente com a pianista Elza Kazuko, volta a encantar, com sua técnica insuperável.

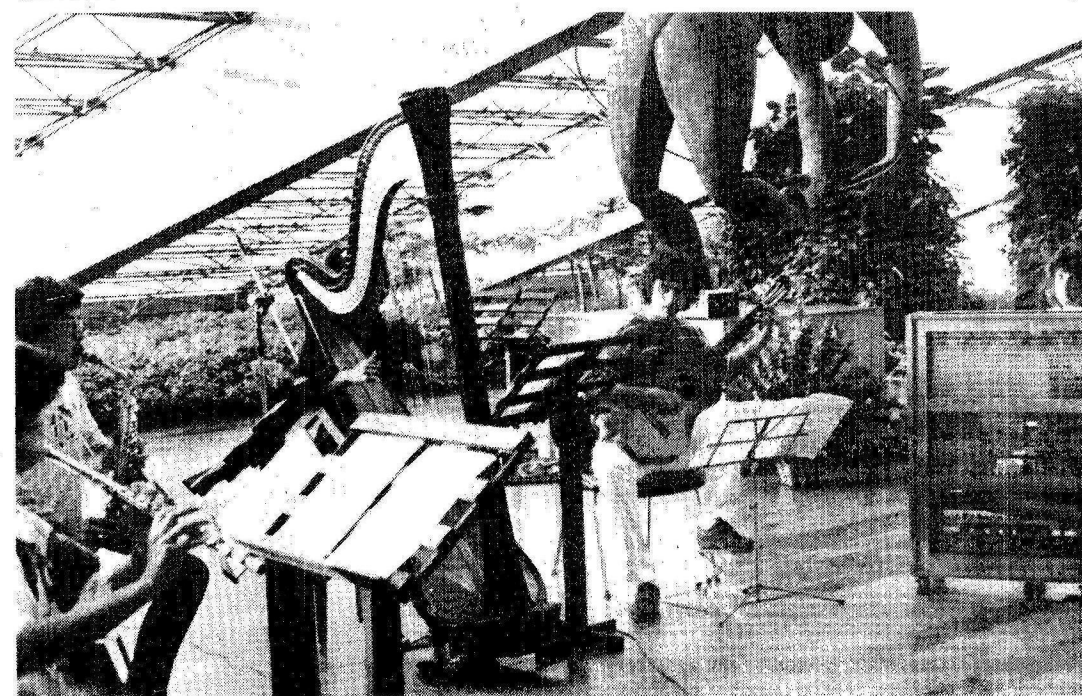
NOVOS ESPAÇOS

Quem diria que um dia os jardins do Teatro Nacional viessem a ser utilizados como palco para a apresentação de músicos? Pois bem, além da beleza ambiental, o público passou a apreciar, também ali, shows de música numa frequência surpreendente, dentro do Projeto Sarau, um dos muitos criados pela nova administração da Fundação Cultural.

Além da conquista dos jardins da Villa-Lobos, foram retomados pela FOCDF importantes espaços, como o da *Feira de Música* (Teatro Galpão) e o do *Concerto Cabeças* (rampa acústica do Parque da Cidade). Pena que a *Vitrine Music Hall*, que tinha tudo para se constituir na melhor casa de shows da cidade, fechasse suas portas dois meses depois da abertura.

Para compensar, voltou a funcionar com a corda toda, o Clube do Choro, certamente um dos únicos em atividade intensa no Brasil, com reuniões todos os finais de semana, em sua sede, anexa ao Centro de Convenções.

Mas foram as casas noturnas as maiores responsáveis pela abertura do mercado para os músicos brasileiros, em 85. Nos bares, restaurantes, boates, de ponta a ponta da cidade, surgiram novos palcos em que os músicos e cantores puderam exibir sua arte, puderam entoar seu canto.



Com trabalhos da melhor qualidade, a música instrumental conquistou novos espaços (como os jardins do Teatro Nacional) e novas platéias ao longo da temporada. Sobressaíram-se grupos como o Sexteto Villa-Lobos, liderado por Jaime Ernest Dias.